

“Menino veste azul e menina veste rosa”: Imaginário da Masculinidade Tóxica na Performance Discursiva da Ministra Damares nos Vídeos do YouTube.¹

Jorge Miklos²
José Carlos Lorandi³
Ney Aluxan Perote⁴

Resumo: Na quinta-feira, três de janeiro de 2019, começou a circular um vídeo da pastora evangélica e Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, Damares Alves, afirmando que “*menino veste azul e menina veste rosa*”. Segundo ela: “*o Brasil começava uma nova era*”. O objetivo deste artigo é examinar no discurso da ministra o modo como gênero e sexualidade estão enunciados, de modo a compreender a construção de uma performance discursiva. O percurso metodológico é bibliográfico e exploratório orientado pela revisão da literatura. Para a análise da performance discursiva da Ministra Damares será aplicada a perspectiva teórica do imaginário midiático postulada por Edgar Morin bem como, as reflexões a respeito de gênero e masculinidades propostas por Bourdieu, Eisler, Connell, entre outros. A plataforma de coleta do discurso emitido pela ministra é a rede social *YouTube*. A hipótese é que o discurso da Ministra foi moldado pela masculinidade tóxica, ou seja, um padrão de masculinidade construído ancestralmente pela cultura religiosa patriarcal e que performa o modelo social de masculinidade que circula no imaginário social e midiático.

Palavras-chave: Patriarcado; Religião; Masculinidade Tóxica; Imaginário Midiático; Damaris Alves

Introdução

No dia dois de janeiro de 2019 tomou posse com o cargo de Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, a pastora evangélica Damaris Regina Alves. O ministério

¹ Trabalho apresentado ao GT 1 - A cibercultura e sua importância nas novas formas de comunicação humana em tempos de crise no Encontro Virtual da ABCiber a ser realizado nos dias 30 de junho e 01 de julho de 2020.

² Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, jorgemiklos@gmail.com.

³ Mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP, josecarlos.lorandi@yahoo.com.br

⁴ Mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP, ney.souza07@terra.com.br

criado pelo também recém empossado governo Jair Bolsonaro substituiu o Ministério dos Direitos Humanos, herdado da gestão de Michel Temer.

Em um vídeo publicado após o seu discurso de posse, a ministra Damaris afirmou: *“Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil, meninos vestem azul e meninas vestem rosa”*. O discurso repercutiu em diversos veículos de mídia, tendo um enorme eco nas redes sociais.

Damaris Regina Alves, nascida no ano de 1964 no estado do Paraná é formada em Pedagogia, pela Faculdade Pio Décimo, no estado de Sergipe e em Direito pela extinta faculdade FADISC (Faculdades Integradas de São Carlos).

Pastora é filha de pais evangélicos, mudou cedo para o nordeste junto com a família, vivendo de favores, em diversas cidades nas quais seu pai, pastor da igreja quadrangular, denominação neopentecostal cristão, fundou inúmeros templos religiosos.

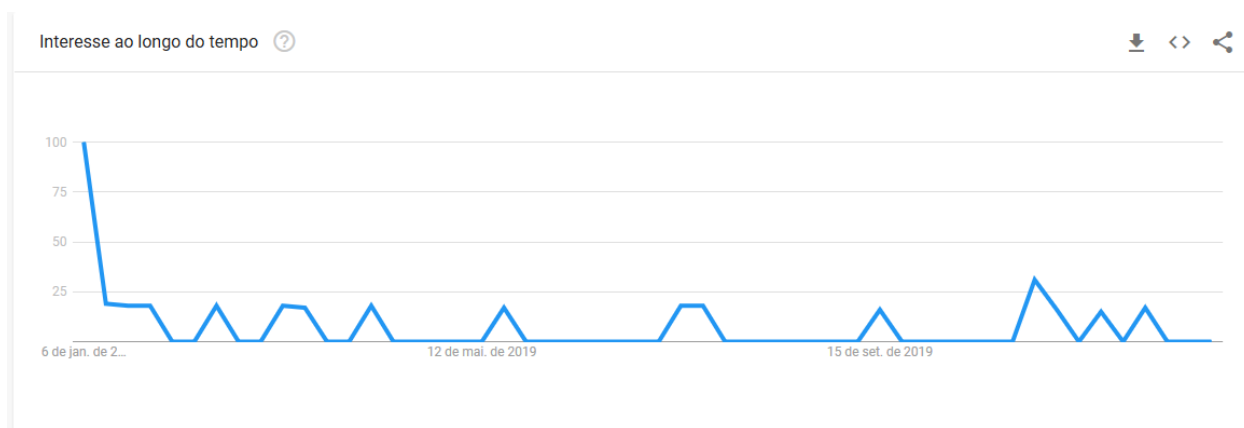
Em uma dessas casas, conforme relato da Ministra Damaris Alves, foi estuprada aos seis anos de idade por um religioso que morava com a família. A partir dos anos 2000 já em Brasília atuou como assessora parlamentar na Câmara dos Deputados, onde realizou trabalhos em prol ao combate à pedofilia

Damaris atuou como assessora parlamentar e defensora dos direitos humanos, na década de 1980, participou da fundação do Comitê Estadual de Sergipe do Movimento Nacional Meninas e Meninos, que tem como principal função social a proteção de crianças em situação de rua. Atuando ainda em defesa dos direitos das mulheres pescadoras e trabalhadoras do campo proteção à infância, onde foi considerada uma referência.

Após as repercussões diversas nas redes sociais, Damaris se justificou afirmando: *“Fiz uma metáfora contra a ideologia de gênero, mas meninos e meninas podem vestir azul, rosa, colorido, enfim, da forma que se sentirem melhores”*, disse por meio da sua assessoria de imprensa. Damaris que assumiu o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, em discurso na solenidade de transmissão de cargo afirmou: *“O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã”*.

Nas redes sociais houve uma eclosão dos temas usado pela Ministra Damaris, como mostra o gráfico abaixo, extraído do *Google Trends*, os termos mais procurados na internet no período.

Figura 1



Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2019-01-01%202019-12-31&geo=BR&q=meninos%20vestem%20azul%20e%20meninas%20vestem%20rosa>. Acesso em 13.jun.2020

O objetivo deste artigo é examinar no discurso da ministra o modo como gênero e sexualidade estão enunciados, de modo a compreender a construção de uma performance discursiva. Falar a respeito da noção de gênero e diversidade sexual implica elaborar reflexões no sentido de superar pré-conceitos.

A hipótese que impulsiona essa reflexão é que o discurso da Ministra Damares reforça preconceitos que colocam homens e mulheres, meninos e meninas, em lugares diferenciados hierarquicamente. Dessa forma, o discurso contribui para fortalecer estereótipos de gênero e a masculinidade tóxica.

O percurso da reflexão será explorar a noção de gênero, o conceito de patriarcado, logo em seguida, a noção de dominação masculina de Pierre Bourdieu, a noção de masculinidade hegemônica proposto do Connel e, por fim, a concepção de masculinidade tóxica. Entende-se que esses conceitos são fundamentais para esclarecer a hipótese que guia este estudo.

Gênero

O conceito de gênero é vital para entender por que homens e mulheres são tratados, pelo senso comum, como grupos padronizados e estereotipados, definidos pelos órgãos sexuais.

Sexo é um conceito biológico, definido pela anatomia de uma pessoa. Já gênero reflete o que é socialmente construído sobre a anatomia. Comportamento, temperamento, valores e atribuições morais não são determinações biológicas, mas, construções simbólicas atribuídas pela sociedade a um corpo a partir de seus genitais.

Assim, enquanto o sexo é uma determinação biológica, o gênero opera na tensão entre a subordinação sociocultural e a escolha identitária.

Assim, considera-se gênero, um conjunto de comportamentos e valores, comumente associados a meninos e homens que são construídos e reforçados por instituições sociais. A experiência de gênero é variável para cada pessoa ao longo da vida, no entanto, existem crenças enraizadas no imaginário social sobre 'o que é ser homem ou ser mulher que moldam as expectativas grupais, formatam narrativas e plasman comportamentos que induzem um modelo de comportamento.

Ao dizer que menino deve vestir azul e menina rosa, a ministra Damaris naturaliza códigos que são constituídos histórica e culturalmente reforçando estereótipos acerca de identidades sexuais e reiterando papéis de gênero existentes nas dinâmicas sociais.

Uma vez que gênero é em geral definido em torno de ideias sobre traços de personalidade, masculina e feminina, e por tendências de comportamento que assumem formas opostas, a masculinidade é definida pelo senso comum como agressiva, lógica, fria emocionalmente e dominadora ligadas à cor azul. A feminilidade é associada à paz, à intuição, expressividade emocional e submissão, associadas à cor rosa.

O discurso da ministra constrói a noção da diferença sexual no intuito de manter, reelaborar e reafirmar a hierarquia entre os gêneros. Homem dominante, mulher submissa.

Cultura Patriarcal

Embora não haja dados suficientes que nos permitam confirmar a sua existência Eisler (2001) considera que o matriarcado foi um modelo sociopolítico que antecedeu o patriarcado. O matriarcado prevaleceu num período remoto, no qual as mulheres detivessem a prerrogativa de partilhar os recursos do clã, principalmente os alimentos, numa expressão concreta de sua supremacia política no grupo. Nesse período, regido pelas deusas, que representavam o poder da criação, as relações estariam imbuídas de um sentido voltado ao sagrado e as relações de poder eram horizontais e baseadas na cooperação.

Não há evidências quanto tempo a fase matriarcal do desenvolvimento humano teria durado. O desenvolvimento populacional e a disputa por território teriam levado os homens a guerrearem entre si. A luta feroz pela sobrevivência pode ter colocado humanos contra humanos, exigindo que desenvolvessem capacidades estratégicas e usassem ao máximo sua força e resistência físicas, em substituição aos princípios de solidariedade e respeito à vida vigentes até então. A mudança de paradigmas pode ter conduzido à domesticação das próprias mulheres – que, com a perda de seu poder, tornaram-se dependentes da força masculina para protegê-las e à sua prole. No panteão das deusas femininas, começaram a surgir os deuses guerreiros, era o início do patriarcado.

A partir dos estudos de Eisler (2001) e Lerner (2009), o termo patriarcado advém da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando). O patriarcado é popularmente chamado pelo modelo de dominador, capaz de descrever um sistema social governado pela força ou pela ameaça de força masculina. Dessa forma, patriarcado é quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres.

Como o pai é forçosamente o primeiro e a origem em relação às gerações seguintes, a adição de *pater* com *arkhe* redobra a autoridade da origem. Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai. A palavra “patriarcado” comporta, portanto, triplamente a noção de autoridade e nenhuma noção de filiação biológica.

Esse papel é preenchido pelo genitor. “A palavra *pater* tinha um outro sentido, aplicava-se a todo homem que não dependia de nenhum outro e que tinha autoridade e domínio sobre uma família. O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens.

Nesse sentido, o patriarcado é um sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

A cultura patriarcal se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade. Nesse modelo, vive-se como se fosse legítimo estabelecer, pela força, limites que restringem a mobilidade dos outros em certas áreas de ação às quais eles tinham livre acesso antes de nossa apropriação,

O patriarcado se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, apropriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade.

Na cultura patriarcal os homens detêm os cargos maiores em companhias, domínio das finanças em casa, facilidade em se empregar (pois mesmo se tiver filho pequeno, por exemplo, não vai dificultar na contratação), horas de “*happy hour*” sem julgamentos alheios (pois mesmo sendo pai, o homem é visto como a pessoa que trabalha muito e precisa de um momento de distração, diferente da visão que se tem da mulher, que mesmo com seu trabalho fixo, tem que estar em casa e com os filhos a todo tempo).

O sistema patriarcal funciona apenas com a cooperação das mulheres. Essa cooperação é assegurada de maneiras diversas: doutrinação de gênero; privação de educação; a negação às mulheres sobre sua história; divisão das mulheres, uma das outras, pela definição de “respeitáveis” e “degeneradas” de acordo com a atividade sexual das mulheres; por

restrições e coerção completa; por discriminação no acesso de recursos econômicos e de poder político; e por garantir privilégios de classe à mulheres que conformam com as regras. Por quase quatro mil anos mulheres têm moldado suas vidas e agido debaixo do guarda-chuva do patriarcado, especificamente na forma melhor descrita do patriarcado como a dominância paternalista. O termo descreve uma relação de um grupo dominante, em que a dominância é mitigada por obrigações mútuas e direitos recíprocos. O dominado troca sua submissão por proteção, trabalho não remunerado por subsistência. Na família patriarcal, responsabilidades e obrigações não são igualmente distribuídas entre os que são para ser protegidos: os filhos homens são temporariamente subordinados à dominância do pai; ela dura até quando eles se tornam chefes de famílias. A subordinação das filhas e esposas dura a vida toda. Filhas podem escapar se apenas elas se colocarem enquanto esposas sob a dominância/proteção de outro homem. A base do patriarcado é um contrato não escrito de troca: suporte econômico e proteção dada por um homem, em troca de subordinação em todos os aspectos, serviços sexuais, e serviços domésticos não remunerados dados pelas mulheres. (Lerner, 2019, p. 271).

Existem dezenas de situações que colocam os homens como seres superiores às mulheres e essas rotinas que passam despercebidas configuram o conhecido patriarcado institucional.

Alguns exemplos são homens que têm preferências ditas “femininas” e, por esse motivo, ridicularizadas e julgadas inferiores, como homens que não gostam de futebol, que preferem ficar em casa cuidando dos filhos ao invés de trabalhar, que são vaidosos e cuidam da aparência ou que assumem uma relação emocional/sexual com outro homem. Esses exemplos ilustram as posturas que não são toleradas pelo patriarcado, pois o homem nasceu na visão machista- para produzir, reproduzir, ser o “macho alfa” da casa e ser economicamente responsável pela família.

A frase dita por Damares não atrela aos sexos apenas a cores, mas a todo um imaginário já alicerçado na cultura patriarcal, de que existem coisas de menino e coisas de menina, um determinismo naturalizado de mão única. Nessa concepção a mulher, nasce naturalmente predeterminada para o rosa e o homem para o azul.

A Dominação Masculina

Desde a década de 1950, quando iniciou seus estudos com o povo berberes de Cabília, região da Argélia, o sociólogo Pierre de Bourdieu investigou a questão da dominação masculina em sua manifestação simbólica na sociedade.

Por meio de uma análise etnográfica das estruturas da sociedade dos berberes (que viviam em uma região montanhosa, ao norte da África e com comportamentos arcaicos e conservadores) procurou investigar de que forma o sistema colonial interferiu na sociedade desse grupo.

Em 1998 publica o livro *A Dominação Masculina* que apresenta as origens das relações de dominação:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação (BOURDIEU, 2002, p, 7).

É importante ressaltar que, em seus estudos, Bourdieu não aborda a questão de gênero (masculino/ feminino) e tampouco discute a respeito do conteúdo biológico. Sua pesquisa tem por foco a dominação simbólica, ou seja, a construção simbólica da superioridade masculina.

Dessa forma, a dominação masculina que o senso comum considera como natural, partiria de uma construção simbólica social perpetuada de forma suave e imperceptível, legitimando frequentemente a violência simbólica uma vez que damos significados a esses comportamentos e, por sua vez, o incorporamos, considerando a dominação masculina como lógica, natural, irrevogável e irrefutável:

[...] O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos '*habitus*' e que fundamentam, aquém

das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. [...] (BOURDIEU, 2002, p. 49/50).

Dito de outra forma, Bourdieu considera a dominação masculina como um tipo de dominação simbólica. A associação ao universo sexual e biológico dá-se a ideia de que a natureza define as diferenças e impõe um grau de dominação pré-existente confirmando o curso natural das coisas do mundo, assim é visível a relação de causa e efeito, definindo que a divisão entre os sexos pareceria estar na ordem das coisas independente das relações de força, ao observar essas questões Bourdieu dá uma origem a algo que seria natural: “Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação.” (BOURDIEU, 2002, p. 17).

Para que a dominação simbólica funcione, é preciso que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes percebem que a submissão não é um ato da consciência, suscetível de ser compreendido dentro de uma lógica das limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa cartesiana que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência. (BOURDIEU, 2002, p. 36).

Podemos observar que a dominação masculina acaba por ser tão enraizada, uma vez que a prioridade sempre é dada ao homem de forma universal e de forma objetiva na construção social e na reprodução que a sociedade faz crer que é natural. Baseado sempre em uma divisão e na construção biológica e social que confere ao homem sempre a melhor parte. Dessa forma mesmo a mulher percebendo a diferença e entendendo todo o processo, essa passa a aceitar essa dominação, não por gostar, mais sim por acreditar ser natural, por achar que nada será mudado, ao reconhecer todo o processo acabam por aceitar fazer parte dele.

É possível perceber essa aceitação da dominação masculina por parte das mulheres, quando de suas preferências sexuais algumas mulheres, acabam por sempre

olhar e desejar um homem mais velho, experiente, bem sucedido financeiramente e mais alto, essa característica por exemplo em um primeiro momento poderia ser vista como simples questão de gosto, mas trata-se de uma característica fundamental da masculinidade dominante, funcionando como o significado da dominação simbólica, está na essência do homem ser o maior. Em outras situações o desejo por homens famosos, mesmo sendo este mal carácter, envolvido com históricos de violência contra a mulher, mantendo assim essa relação de dominante e dominado.

Dessa forma observamos que os dominados repetem regras e orientações construídas ao longo do tempo, pelo ponto de vista dos dominantes, aparentando assim como se natural fosse. Aos homens sempre é lhes dado o universo, quanto as mulheres essas questões são tratadas no particular. Essas orientações bem como o padrão de comportamento, são em muitas vezes confirmados pela sociedade e as instituições, como a igreja, a família, a escola e o estado, valendo se de muitas vezes com o que teria de mais perverso, usando de todas as armas, como a violência física e a violência simbólica.

Com isso, entendemos que um discurso da ministra Damares não é meramente uma escolha de palavras. A ligação entre “menina” e “rosa” e “menino” e “azul que aparenta uma perspectiva inocente e pueril é, o acionamento de instituições e práticas regulatórias que indicam o manual de comportamento relacionado às identidades de gênero recrudescendo a dominação masculina.

Masculinidade Hegemônica

O conceito de masculinidade hegemônica tem suas origens nas mudanças das pautas feministas e nos desdobramentos dos estudos de gênero que apontam diferentes modos para se atingir a isonomia entre homens e mulheres.

Apesar de não existir um padrão único de masculinidade, a apresentação do conceito de masculinidade hegemônica torna explícita a predominância de determinada configuração de masculinidade e de feminilidade que busca se impor como referencial fixo, e se sustenta por meio de um segmento de homens e mulheres que se sentem

gratificados e que usufruem e se beneficiam dos privilégios que essa posição lhes garante.

Robert Connell é um sociólogo australiano que leciona na Universidade de Sydney trouxe uma proposta para o estudo das masculinidades. Connell forneceu as bases para tais constatações historiográficas ao conceituar a masculinidade enquanto “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero

Ele entende que ao invés de se tentar definir a masculinidade como um objeto, isto é, como uma espécie de caráter natural, de comportamento médio ou de norma, é necessário concentrar a atenção nos processos e relacionamentos através dos quais os homens e as mulheres conduzem suas vidas sob o suporte do gênero. Para ele, a masculinidade é simultaneamente uma posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se colocam nesta posição e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (Connell, 1995).

A masculinidade por si só é dita como um conceito que se entende majoritariamente por atributos como: dominação, força, competição, controle, segurança, proteção, determinação, entre outros:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia que privilegia alguns e desfavorece quem não cumpre as categorias de hegemonia. A masculinidade hegemônica é construída e encasulada pelo patriarcado que apresenta um padrão de masculino como: homem cis, branco, heterossexual, algo representante da heteronormatividade. Tudo que foge a uma dessas características são componentes das masculinidades subordinadas à masculinidade hegemônica

Nem todos personificam o modelo hegemônico. Na verdade, segundo Connell, somente uma minoria o faz realmente. Todavia, a hierarquia que se estabelece em torno deste padrão masculino é uma fonte considerável de conflitos e violência entre os homens. Por exemplo, desafiar a masculinidade de um homem é comumente um foco de brigas e ferimentos. A afirmação do domínio sobre homossexuais ou homens afeminados pode tomar formas violentas, culminando em surras e até em assassinatos. Esta dominação também pode se mostrar simbolicamente: os desafios entre os rapazes (“Vem! Prova que você é homem de verdade! Prova que você é macho!”) que levam às brigas violentas é um exemplo.

Dizer que meninos usam azul e meninas, rosa não é só um olhar simplista sobre a temática de gênero, mas a exposição de um sistema lógico, normativo e discursivo, muito bem enraizado no patriarcado e na dominação masculina e com consequências tanto no âmbito individual quanto no coletivo e político: o sistema patriarcal e heteronormativo, marcado por um binarismo estrutural.

Masculinidade Tóxica

Na esteira da dominação masculina e da masculinidade hegemônica usa-se hoje o conceito de Masculinidade tóxica. O dicionário Oxford elegeu na primeira quinzena de novembro, como a palavra do ano de 2018, um termo não muito animador: “tóxico” e a segunda “masculinidade”. As duas juntas ficaram em terceiro lugar, sendo assim classificadas como a expressão do ano.⁵

Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão. Trata-se do ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar

⁵ <https://www.portalraizes.com/masculinidade-toxica/>. Acesso em 07.jun.2020.

ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo. Por masculinidade tóxica encontra-se a definição:

Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente 'femininos' – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como 'homem' pode ser removido. 'Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão à supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais graves , como perpetuação e encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo'. (CONFORT, 2018).

A masculinidade tóxica, segundo Maghfiroh (2017), consiste no processo de socialização que determina o comportamento de homens, no qual aprendem a reproduzir o que é ensinado por meio da cultura heteronormativa e patriarcal. Um exemplo de característica desse padrão ensinado aos homens desde criança é o desenvolvimento da personalidade sem vulnerabilidades.

A masculinidade tóxica está baseada no medo, que precisa ser provada a todo momento, estimula a violência, a homofobia, a inabilidade emocional e a obsessão por poder, dinheiro e sexo.

O discurso da ministra separar os meninos e as meninas pelas cores azul e rosa e estimula a toxidade que reveste as

Imaginário Patriarcal da Sociedade

Como vimos a partir das noções de patriarcado, dominação masculina, masculinidade hegemônica, entende-se que a frase de Damares Alves, “*menino veste azul e menina veste rosa*”, não pode ser compreendida fora do contexto do imaginário social que pauta os comportamentos e valores no século XXI.

Não se pode considerar o imaginário como uma forma “descolada” da realidade. Ao contrário, se se combinam, se influenciam e, de acordo com o princípio da recursividade de Morin, eles se contaminam mutuamente. Ou seja, como disse Michel

Maffesoli (2001) em entrevista concedida a Juremir Machado: “O imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real”.

Assim, é por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de uma sociedade. É nesse campo que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.

O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também — por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso e arquetípico, por sua leitura menos normatizada, tornam-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas. O imaginário é particularmente importante em momentos de mudanças política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas

O historiador Yuval N. Harari (2017) pontua que as humanidades e as ciências sociais dedicam a maior parte de suas energias a explicar exatamente como a ordem imaginada é tecida na trama da vida. Porém, no espaço limitado à nossa disposição, só podemos arranhar a superfície.

Para Harari, o imaginário está incrustado no mundo material. Embora só exista em nossa mente, a ordem imaginada pode se entremear na realidade à nossa volta, e até mesmo ser gravada em pedra.

O imaginário é intersubjetivo. Não é uma ordem subjetiva que só existe na imaginação – é, antes, uma ordem intersubjetiva, que existe na imaginação partilhada de milhares e milhões de pessoas. Intersubjetivo é algo que existe na rede de comunicação ligando a consciência subjetiva de muitos indivíduos. Se um único indivíduo mudar suas crenças, ou mesmo morrer, será de pouca importância. No entanto, se a maioria dos indivíduos na rede morrer ou mudar suas crenças, o fenômeno intersubjetivo se transformará ou desaparecerá. (...) Fenômenos intersubjetivos não são fraudes malévolas nem charadas insignificantes. Eles existem de uma maneira diferente de fenômenos físicos como a radioatividade, mas seu impacto no mundo ainda pode ser gigantesco. Muitas das forças mais importantes da história são intersubjetivas: leis, dinheiro, deuses, nações. (HARARI, 2017, p. 122)

A sociedade está suspensa nessa rede de significados, e a mídia é esse arquiteto que constrói esses muros nos quais circulam nosso imaginário. E os analistas simbólicos

são os profissionais que preenchem esses muros com imagens técnicas que substituem a realidade o vínculo pela experiência perturbadora do simulacro e do hiper real.

Sendo assim, o discurso da ministra Damaris Alves retrata e reforça o imaginário patriarcal ancestral que ainda se faz presente e circula na sociedade contemporânea. O patriarcado é o sistema vigente há aproximadamente cinco mil anos no qual os homens desempenham os papéis de liderança, são a autoridade moral e possuem uma série de privilégios sociais: todas as relações refletem o poder e o domínio masculinos.

Segundo Eisler (2001) e Lerner (2019) a origem do patriarcado remonta à época da passagem do nomadismo para o sedentarismo, possível a partir do domínio da domesticação de animais e da agricultura. Destas, surge a noção de propriedade da terra, primeiro, coletiva, depois privada. Com essas mudanças, começa a surgir uma geração excedente de recursos, que geralmente fica de posse dos homens. Isso teria levado à passagem de sociedades matrilineares – em que prevalecia o direito e a descendência maternos – para sociedades em que passa a prevalecer a descendência paterna e o direito dos pais sobre os filhos (patrilineares). Institui-se a família patriarcal, centrada no homem mais velho, cujo poder lhe dá direito de vida e morte sobre a esposa, filhos e escravos. E, da necessidade de assegurar a paternidade dos filhos para a transmissão de herança, impõe-se a família monogâmica, selando a dominação dos homens sobre as mulheres também no campo da sexualidade.

Considerações Finais

O discurso da ministra Damaris teve grande repercussão nas redes sociais polarizando acenos positivos e críticas por parte de representantes de diferentes movimentos sociais.

O objetivo deste foi examinar no discurso da ministra o modo como gênero e sexualidade estão enunciados, de modo a compreender a construção de uma performance discursiva. A conclusão é que o discurso da ministra Damaris está moldado pela masculinidade tóxica, ou seja, um padrão de masculinidade construído ancestralmente pela cultura religiosa patriarcal e que performa o modelo social de masculinidade que circula no imaginário social e midiático. Esse padrão ancestral circula pelo imaginário e hoje está manifestado na masculinidade tóxica.

A partir dos estudos de Eisler (2001) e Lerner (2009) pode-se inferir que a masculinidade tóxica nutre-se nas raízes do sistema patriarcal, vigente há aproximadamente dez mil anos, no qual os homens empreendem os papéis de liderança, são a autoridade política e possuem uma série de privilégios sociais refletindo o poder e o domínio dos homens sobre as mulheres. A cultura patriarcal é constituída de estereótipos de gênero que determinam a forma como homens e mulheres devem se comportar na sociedade. Esse arquétipo patriarcal sobrevive manifestado em muitos valores comportamentos e discursos entre eles, está “*menino veste azul e menina veste rosa*” proferido por Damaris Alves no qual a dominação masculina e a masculinidade tóxica estão presentes.

Assim, os valores do patriarcado chegam a nossos dias, reforçados no discurso da ministra Damaris, transportando o machismo e a misoginia, que defendem a ideia da supremacia masculina e heterossexual diante do feminino da homossexualidade, bem como reproduzindo desigualdades e discriminações de gênero em todas as esferas sociais.

Referências

BACZKO, Bronislaw. **Les Imaginaires Sociaux**: mémoire et espoirs collectifs. Paris: Payot, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2019.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CONFORT, Maria. **Você sabe o que é masculinidade tóxica?** [2018]. Disponível em: <<https://manualdohomemmoderno.com.br/video/comportamento/voce-sabe-o-que-emasculinidade-toxica>>. Acesso em: 07.jun. 2020.

CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.

CONNELL, Robert. **Políticas da Masculinidade**. Educação e Realidade, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: Nossa história, nosso futuro. Rio de Janeiro: Imago editora, 2001.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 15 • agosto 2001

MAGHFIROH, Novani. Toxic Masculinity as Depicted in Barry Jenkins's Moonlight. In **Partial Fulfillment of the Requirements for the Bachelor Degree Majoring American Studies in English Department. Faculty of Humanities Diponegoro University**, 2017.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX – Volume I: Neurose**. Rio de Janeiro: ForenSe Universitária, 1990.

_____. **O método 4 as ideias**: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2008.